

Egressos de uma escola de assentamento: onde estão os filhos da Educação do Campo?

Rosimar Serena Siqueira Esquinsani¹, Munir José Lauer², Carmem Lúcia Albrecht da Silveira³

^{1, 2, 3} Universidade de Passo Fundo - UPF. Programa de Pós-Graduação em Educação/PPGedu - Faculdade de Educação. Avenida Brasil Leste, 285, São José. Passo Fundo - RS. Brasil.

Autor para correspondência/Author for correspondence: rosimaresquinsani@upf.br

RESUMO. O texto – e a pesquisa que o originou – partem de questões aparentemente simples: onde estão os filhos da Educação do Campo? Para onde vão nossos esforços pedagógicos, políticos e sociais quando nos dedicamos a uma educação do campo, no campo? Partindo da questão desafiadora, o texto recompõe informações sobre egressos da Escola Estadual de Ensino Fundamental 29 de Outubro, Assentamento 16 de Março, no município de Pontão, norte do Rio Grande do Sul, no recorte temporal de 1992 a 2014, totalizando 413 sujeitos pesquisados. O texto localiza a escola referida, enfatizando seus quatro períodos históricos e apresentando dados acerca dos egressos, obtidos mediante o procedimento de Grupos Focais, partindo de duas categorias-chave: escolaridade e profissão. Os dados apontam para perspectivas animadoras: com raras exceções, a sucessão familiar nas propriedades rurais está ocorrendo. Os jovens agricultores, na sua ampla maioria com ensino médio, estão sustentando a agricultura familiar, com ações em produção agropecuária e diversificação de culturas, garantindo a segunda geração de agricultores no campo. Conclui que o êxito profissional e formativo dos filhos da Educação do Campo também representa o êxito do projeto e a pertinência de sua existência como contraponto e alternativa ao modelo de escolarização dominante.

Palavras-chave: Escola do Campo, Assentamento, Egressos.

Egress from a settlement school: where are the children of Rural Education?

ABSTRACT. The text - and the research that originated it - starts from an apparently simple question: Where are the children of Rural Education? Where do our pedagogical, political and social efforts go when we devote ourselves to an education in the countryside? Based on the challenging question, the text recomposes information about the departed from the State School of Primary Education October 29, Settlement March 16, in the municipality of Pontão, north of Rio Grande do Sul, in the time cut from 1992 to 2014, totaling 413 subjects surveyed. The text locates the School October 29, emphasizing its four historical periods and presenting data about the graduates, obtained through the Focal Groups procedure, starting from two key categories: schooling and profession. The data point to encouraging prospects: with rare exceptions, family succession on farms is occurring. Young farmers, in their large majority with secondary education, are supporting family farming, with actions for agricultural production and crop diversification, guaranteeing the second generation of farmers in the field. It concludes that the professional and formative success of the children of rural education also represents the success of the project and the pertinence of its existence as a counterpoint and alternative to the dominant schooling model.

Keywords: School of the Countryside, Settlement, Egress.

Egresados de una escuela de asentamiento: ¿dónde están los hijos de la Educación Rural?

RESUMEN. El texto - y la investigación que lo originó - parten de una pregunta aparentemente simple: ¿dónde están los hijos de la Educación Rural? ¿A dónde van nuestros esfuerzos pedagógicos, políticos y sociales cuando nos dedicamos a una educación del campo, en el campo? En el marco de la pregunta desafiante, el texto recompone informaciones sobre egresados de la Escuela Estatal de Enseñanza Fundamental 29 de Octubre, Asentamiento 16 de Marzo, en el municipio de Pontão, norte de Rio Grande do Sul, en el recorte temporal de 1992 a 2014, totalizando 413 sujetos investigados. El texto localiza la Escuela 29 de Octubre, enfatizando sus cuatro períodos históricos y presentando datos sobre los egresados, obtenidos mediante el procedimiento de Grupos Focales, partiendo de dos categorías clave: escolaridad y profesión. Los datos apuntan a perspectivas alentadoras: con raras excepciones, la sucesión familiar en las propiedades rurales está ocurriendo. Los jóvenes agricultores, en su amplia mayoría con enseñanza media, están sosteniendo la agricultura familiar, con acciones producción agropecuaria y diversificación de cultivos, garantizando la segunda generación de agricultores en el campo. Concluye que el éxito profesional y formativo de los hijos de la educación del campo también representa el éxito del proyecto y la pertinencia de su existencia como contrapunto y alternativa al modelo de escolarización dominante.

Palabras clave: Escuela del Campo, Asentamiento, Egresados.

Introdução

Onde estão os filhos da Educação do Campo? Com essa pergunta, a Profa. Dra. Roseli Salete Caldart, encerrou o III Seminário Internacional de Educação do Campo - III SIFEDOC e III Fórum de Educação do Campo, realizados em Erechim – RS, entre os dias 29 e 31 de março de 2017. Essa mesma indagação inspirou a investigação narrada no texto que segue: pois bem, onde estão os filhos da Educação do Campo? Para onde vão nossos esforços pedagógicos, políticos e sociais quando nos dedicamos a uma Educação do Campo, no campo?

Partindo da questão desafiadora, o texto objetiva definir um panorama mínimo de mapeamento e recomposição de informações sobre duas categorias: escolaridade e profissão de egressos da Escola Estadual de Ensino Fundamental 29 de Outubro, Assentamento 16 de Março (antiga Fazenda Annoni), no município de Pontão – RS, no recorte temporal de 1992 a 2014, totalizando 413 ‘filhos da educação do campo’ (sujeitos pesquisados) formados no ensino fundamental na referida escola.

Saber o nível de escolaridade e a profissão (incluindo dados sobre o vínculo com a terra) de educandos que estudaram e obtiveram sua conclusão no ensino fundamental em uma Escola do Campo, de

assentamento, nos possibilita um panorama, por mínimo que seja, de contextualização da manutenção dos vínculos desses sujeitos com o campo.

Nesse trabalho, num primeiro momento procura-se conceituar e situar historicamente a Educação do Campo. Posteriormente, localiza-se a Escola Estadual 29 de Outubro, enfatizando seus quatro períodos históricos e pedagógicos. Em um terceiro momento, apresentam-se os dados obtidos referentes à pesquisa acerca dos egressos ‘filhos da educação do campo’, mediante as categorias de análise escolaridade (e especificidades) e profissão (vinculada ou não a terra, modo de produção agrícola, residência no campo), incluindo o possível pertencimento a movimentos sociais.

Educação do Campo

De acordo com o Decreto Federal nº 7.352/2010, no seu parágrafo 1º, considera Escola do Campo “aquela situada em área rural, conforme definida pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, ou aquela situada em área urbana, desde que atenda predominantemente a populações do campo”. Ainda, conforme o mesmo decreto, compreende-se por população do Campo: os agricultores familiares, os extrativistas, os pescadores artesanais, os

ribeirinhos, os assentados e acampados da reforma agrária, os trabalhadores assalariados rurais, os quilombolas, os caiçaras, os povos da floresta, os caboclos e outros, que produzam suas condições materiais de existência a partir do trabalho no meio rural (Brasil, 2010).

Segundo Caldart (2012), passou-se a utilizar a denominação de Educação do Campo durante as discussões em Seminário Nacional, realizado em Brasília em 2002, posteriormente confirmado nos debates da II Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo, ocorrida em 2004. Todavia, a gênese da expressão – e, por conseguinte, do conceito de Educação do Campo -, é ainda mais histórica, remetendo ao final do século XX, mais precisamente a I Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo, realizada em Goiás, em 1998. A utilização do termo Campo, em contraposição ao termo rural permite uma reflexão sobre as questões atuais envolvendo o trabalho camponês; bem como suas lutas, histórias e culturas. Conforme a autora, essa mudança da expressão dá-se principalmente em virtude da preocupação com o resgate do conceito de camponês.

Há também uma distinção entre educação NO campo e educação DO campo, tal como exposta por Caldart,

quando explica que: “No: o povo tem direito a ser educado no lugar onde vive; Do: o povo tem direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com a sua participação, vinculada à sua cultura e às suas necessidades humanas e sociais”. (Caldart, 2002, p. 18).

A tradição da escola *rural*, como um apêndice da escola *urbana*, historicamente existente no Brasil, sempre ignorou as especificidades da cultura do Campo, das características sociais, dos projetos, das lutas dos que vivem no/do Campo. A Educação do Campo, como mecanismo alternativo à visão capitalista de educação no meio rural, posta-se num sentido ampliado de formação humana. Essa proposta de educação voltada para a realidade social e cultural dos camponeses, tem como preocupação a não limitação (tradicional) da sala de aula como espaço de ensino-aprendizagem. Mas também nos movimentos sociais, no trabalho, no mundo da produção, nas experiências cotidianas, nas relações familiares (Bonamigo, 2007).

De acordo com Molina e Sá (2012), as Diretrizes Operacionais para uma Educação Básica das Escolas do Campo (Brasil, 2002), expedidas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE); é quem pôs de modo jurídico e legalmente reconhecido

a utilização do termo Escola do Campo, diferenciando-se da expressão escola rural.

A Escola do Campo, portanto, tem sua origem e desenvolvimento no movimento da Educação do Campo, derivando de experiências de formação humana oriundas no contexto das lutas dos movimentos sociais camponeses, por terra e educação.

... uma das lições que se pode tirar de sua história até aqui é a de que lutar somente pela terra não basta. A luta pela reforma agrária deve ser bem mais ampla, implicando a conquista de todos os direitos sociais que compõem o que se poderia chamar de cidadania plena. Nessa perspectiva, a educação é um desses direitos, pelo qual também, é preciso mobilização, organização e lutas. (Alves, 2009, p. 11).

A Escola do Campo, nesse sentido, se posta de modo contrário às concepções de escola hegemônica e às proposições educacionais propostas aos trabalhadores pelo sistema capitalista. Assim, a Escola do Campo é parte de um processo histórico da luta da classe trabalhadora, em que o acesso ao conhecimento e a garantia do direito à escolarização estão contidas nessa luta (Molina & Sá, 2012), bom como um conjunto de ações que se coloca,

... no combate aos ‘pacotes’ (tanto agrícolas como educacionais) e à tentativa de fazer das pessoas que vivem no campo instrumentos de implantação de modelos que as ignoram ou escravizam. Também se

contrapõe à visão estreita de educação como preparação de mão-de-obra e a serviço do mercado. (Caldart, 2004, p. 5).

É nesse contexto de luta pela terra que surge a Escola Estadual de Ensino Fundamental 29 de Outubro, no município de Pontão, no norte do estado do Rio Grande do Sul. Trata-se de uma escola diferenciada em sua gênese e qualificada para o atendimento a demandas sociais igualmente diferenciadas.

Escola Estadual de Ensino Fundamental 29 de Outubro

A Escola Estadual de Ensino Fundamental 29 de Outubro localiza-se no Assentamento 16 de março, município de Pontão, no norte do estado do Rio Grande do Sul. Atualmente tem cerca de 100 alunos matriculados no Ensino Fundamental (Rio Grande do Sul, 2017), sendo considerada – para fins de censo escolar - uma escola rural.

Sua trajetória acompanha a história da ocupação da Fazenda Annoni, da organização das famílias assentadas e do prelúdio do Setor de Educação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). A conquista e a implantação da escola, foram iniciativas primeiras em educação do MST em acampamentos, em 1986/1987. Assim, a Escola 29 de Outubro foi concebida num espaço de luta para

atender uma demanda real dos camponeses acampados, isto é, a oportunização de acesso ao conhecimento como mecanismo de luta pela terra e maximização dos direitos sociais (Bonamigo, 2007).

No âmbito pedagógico, a construção histórica da Escola 29 de Outubro deriva de experiências aglutinadas e refletidas (mesmo com suas contradições) ao logo da história do MST e da Articulação Nacional Por Uma Educação do Campo. A trajetória pedagógica da escola pode ser marcada por quatro períodos importantes. Três desses períodos são descritos por Bonamigo (2007) em sua tese de doutorado, já o quarto período é descrito pelos autores desse artigo.

O primeiro período foi assinalado por Bonamigo (2007), refere-se à conquista e implantação da Escola, entre 1986/87 a 1990. Nesse espaço de tempo não havia ainda, de modo claro, princípios pedagógicos do Movimento. Eram desenvolvidas as primeiras experiências, num processo de síntese, avaliação e reavaliação do antigo ideário de educação articulado com a nova forma de educar a partir das concepções do MST e demais movimentos populares.

Ainda seguindo a periodização do autor, de 1990 a 1998 temos o segundo momento, que registra a ampliação da Escola, em razão da organização e

consolidação do Assentamento 16 de Março e dos demais assentamentos da Fazenda Annoni. Sendo que a Escola, mediante processo de nucleação das escolas do Campo, passou a atingir também educandos da 5^a a 8^a séries oriundos de escolas de outros assentamentos próximos. Esse período foi caracterizado pela elaboração e organização coletiva do MST em função das questões pedagógicas. Através de suas experiências pedagógicas, de suas educadoras, educandos (as) e comunidade escolar, a Escola 29 de Outubro atuou diretamente nesse processo de elaboração nacional, auxiliando na apresentação e debate de sugestões ao Movimento.

Caracterizado pela consolidação da proposta pedagógica do MST e da Articulação Nacional Por Uma Educação do Campo, o terceiro momento, de 1999 até 2014, são efetivadas na Escola práticas educativas construídas historicamente mediante aprendizagem desses movimentos sociais. Nesse período novos conceitos e concepções são assumidos. Como a reconstrução do Projeto Político-Pedagógico, a forma de avaliação dos educandos, o processo de formação dos educandos, a elaboração dos projetos de pesquisa, a estruturação da escola em si (Bonamigo, 2007).

O quarto momento inicia-se a partir de 2015, quando a Escola 29 de Outubro começa a apresentar, de maneira mais sublinhada, uma diluição de suas propostas pedagógicas e engajamento político resultantes da luta pela terra, tão perceptíveis em períodos anteriores. A partir de 2015 aprofunda-se o distanciamento ideológico para com o movimento social do qual a escola é oriunda. As alterações curriculares significativas na Escola, por influência das políticas curriculares da mantenedora (Rio Grande do Sul, 2016), que já eram sentidas em anos anteriores a 2015, aprofundam-se a partir deste momento, alterando o próprio sentido de educação do campo impresso na identidade histórica da escola.

Justo em razão dessa alteração na identidade da escola, o recorte temporal de acompanhamento dos egressos vai até 2014, pois a partir de 2015 compreendemos que o perfil do egresso, em muitos aspectos, o afasta do perfil de um educando de uma escola do campo, dentro de um assentamento, fruto da luta histórica pela terra.

Apresentação dos dados produzidos

As informações a seguir foram produzidas mediante levantamento de dados junto à comunidade escolar (pais, professores, funcionários) da escola

examinada, objetivando recompor uma narrativa sobre a atual situação do maior número possível de egressos da escola. Nessa investigação, o propósito ainda é modesto, residindo em um mapeamento inicial das trajetórias dos filhos do campo, uma vez que uma etapa posterior do projeto de pesquisa adentrará em outros dados e aferições. Partimos da premissa de que,

... a Educação do Campo vincula-se à construção de um modelo de desenvolvimento rural que priorize os diversos sujeitos sociais do campo, isto é, que se contraponha ao modelo de desenvolvimento hegemônico que sempre privilegiou os interesses dos grandes proprietários de terra no Brasil. (Molina & Freitas, 2011, p. 19).

Para a narrativa, como proposto, juntamos grupos focais com sujeitos da comunidade escolar, com o objetivo temático de mapear por onde ‘andariam’ os alunos egressos da escola. Como se trata de uma comunidade pequena, em um assentamento, há um alto nível de familiaridade entre os sujeitos. Todos se conhecem, todos conhecem os filhos de todos. Não é difícil, em rodas de conversa, identificar por onde andam os sujeitos que, certa feita, estudaram na escola.

O grupo focal – técnica utilizada para consecução dos dados de pesquisa - é uma técnica de pesquisa qualitativa, derivada das entrevistas grupais, que coleta

informações por meio de interações grupais (Bomfim, 2009). Ainda, o Grupo Focal tem como objetivo:

reunir informações detalhadas sobre um tópico específico (sugerido pelo pesquisador, coordenador ou moderador do grupo) a partir de um grupo de participantes selecionados. Ele busca colher informações que possam proporcionar a compreensão de percepções, crenças, atitudes sobre um tema, produto ou serviço. (Bomfim 2009, p. 780).

Nos 22 anos estabelecidos como recorte temporal de estudos (período anterior a uma maior alteração e descaracterização curricular da escola ante as políticas da mantenedora), de 1992 a 2014, foram identificados 485 alunos formados no Ensino Fundamental, sendo possível encontrar o ‘paradeiro’ de 413 desses filhos da Educação do Campo através da metodologia adotada (há que se

considerar que alguns desses alunos saíram do assentamento sem deixar familiares ou contatos no local, além de alguns alunos já falecidos).

Profissões dos egressos

Ao realizar o levantamento da profissão atual dos egressos, partimos do reconhecimento da atividade laboral como também oriunda de um processo formativo. Assim, a profissão atual dos egressos pode apontar indícios da efetividade do processo formativo realizado na escola e, por conseguinte, das diretrizes da Educação do Campo. Para melhor compreensão dos dados construídos, as profissões dos egressos foram aglutinadas por afinidade de contexto.

Quadro 01 – Profissão atual dos egressos.

Profissão mencionada	Quantidade
agricultores	134
comerciários	97
profissionais liberais/professores/técnicos/outros	54
donas de casa/empregadas domésticas	30
funcionários públicos	20
comerciantes/pequenos empresários	17
industriários	17
profissionais autônomos/construção civil	14
motoristas	9
TOTAL	392

Fonte: Pesquisa dos autores (2018).

Importante destacar que 21 egressos apresentaram como profissão a atividade de ‘estudante de graduação’, evidenciando uma ausência – neste momento – do

mercado formal de trabalho. Assim, dos 485 investigados, aferiu-se informações concretas sobre a profissão de 413 egressos.

Quanto às profissões, a profissão ‘agricultor’, apresenta-se em vantagem quantitativa sobre as demais, seguido proximamente pela profissão de comerciário. Os agricultores estão estabelecidos, na maioria dos casos, em pequenas propriedades de aspecto familiar. Chama a atenção, ainda, a regularidade da profissão ‘agricultor’, ao longo do período histórico investigado: de 1992 a 2014 mantém-se estável e constante a permanência de egressos no Campo, como agricultores.

Associada a elementos do cenário sócio-político-econômico, bem como a outras experiências e pertencimentos dos sujeitos partícipes da pesquisa, seria lícito supor que a passagem por uma escolarização específica e voltada às questões do campo, colaborou na definição das atividades laborais desses sujeitos, visto que a Educação do Campo pode ter auxiliado a desenvolver neste egresso uma identidade, um sentido de pertencimento que o levou a manter-se no e viver do campo, pois...

... para fazer uma escola do campo é preciso olhar para as ações ou práticas sociais que são constituídas dos sujeitos do campo. É preciso olhar para o movimento social do campo como um sujeito educativo, e aprender com os processos de formação humana que estão produzindo os novos trabalhadores e lutadores dos povos do campo, lições que nos ajudem a pensar um outro

tipo de escola para eles, com eles. (Caldart, 2003, p. 65)

Esmiuçando os dados empíricos coletados, identificou-se: 134 agricultores; 10 técnicos em agroecologia/agropecuária; 2 médicos veterinários; 01 engenheiro agrônomo e 12 estudantes de graduação (10 de agronomia e 2 de medicina veterinária), totalizando 159 (cento e cinquenta e nove) egressos vinculados diretamente ao ambiente agrário. De outra forma, é pertinente a menção a outros sujeitos, como comerciários e alguns profissionais liberais e professores que, mesmo exercendo atividades laborais não vinculadas diretamente ao campo, ainda estão vinculados a terra, residem no campo e fazem parte desse contexto social.

A marca da terra, via escolarização, parece ser uma constante na vida desses egressos, tornando evidente a proposta inicial, onde...

os coletivos de educação surgiram para dar conta de duas demandas: a de garantir com mais eficiência a mobilização pelo direito a escola (ter um coletivo ajudaria a conquistar outras escolas), e a de trocar experiências em relação a como desenvolver a tal escola diferente que todos queriam, mas ninguém sozinho sabia exatamente como fazer. (Caldart, 2004, p. 243).

Na investigação, ao analisar o perfil dos agricultores e seu contexto quanto aos métodos de produção agrícola, evidenciou-

se uma ampla maioria (129) de agricultores caracterizados à Agricultura Familiar. E uma pequena minoria (5), identificados ao Agronegócio. Os egressos agricultores situados na agricultura familiar apresentam algumas características em comum: em geral, suas propriedades rurais não ultrapassam 15 hectares, possuem uma produção diversificada (soja, milho, leite, gado de corte, hortaliças, frutas, peixes entre outros), as propriedades são geridas pelos membros da família, os produtos produzidos são para a subsistência e para o comércio local, a maioria são filhos de assentados da reforma agrária (estão sucedendo ou atuando em paralelo aos pais no lote rural). Os agricultores que apresentam características similares ao agronegócio, apresentam alguns elementos proximais: adeptos da monocultura (principalmente da soja), agricultura de precisão (mecanização moderna e tecnologia de ponta), possuem extensão de terra relativamente grande para os padrões do local (em média 150 hectares), não são filhos de assentados da reforma agrária via MST (são filhos de agricultores assentados na Fazenda Annoni, em anos anteriores à ocupação pelo MST, em razão da desapropriação de suas terras para a construção de barragens), pensamento político neoliberal.

No decorrer da investigação identificou-se a presença de 13 egressos agricultores (as) que têm seu modo de produção agropecuário cooperativo/coletivo, com ênfase em uma agroindústria familiar. Os mesmos residem em uma agrovila. Além do fator de produção coletivo, outro aspecto adquire relevância, que é alta escolaridade dos mesmos, se comparado com os demais agricultores não cooperativos (individuais). Dos 13 agricultores cooperativos: 3 possuem o ensino médio, 3 dispõem de ensino superior completo (2 em administração e 1 em direito), 6 estudantes de graduação (agronomia (3), engenharia de alimentos, psicologia e história) e 1 técnico em agropecuária.

Para além disso, nessa gama de dados/informações percebeu-se a existência de 4 egressos da escola, que são hoje agricultores assentados. Ou seja, são filhos de assentados da antiga Fazenda Annoni, e repetindo o ato de seus pais, participaram de acampamento do MST e posterior conquista da terra.

Outros elementos merecem destaque. A profissão de professor (a) recebe com ênfase egressos concluintes dos anos de 1993 a 1994, e tornando a percebê-los com maior vigor somente a partir de 2010, com o aumento de estudantes em licenciaturas, principalmente em pedagogia. Os

comerciários e industriários, por sua especificidade de atividade fim, concentram seu labor no meio urbano. Entretanto, apesar de tal fator não ter sido objeto da investigação, é notória a ressalva sobre a ocorrência de egressos que trabalham na cidade, mas permanecem residindo no Campo, não sendo tais casos, raros. As donas de casa, terminologia utilizada pelas próprias, dizem respeito especificamente a egressas que residem no meio urbano.

Escolaridade dos egressos

Quadro 02 – Escolaridade informada dos egressos.

Ensino médio	233
Estudantes de graduação	52
Ensino superior	46
Ensino fundamental	36
Ensino médio incompleto	26
Ensino superior incompleto	11
Ensino médio técnico	9
TOTAL	413

Fonte: Pesquisa dos autores (2018).

Quando discutimos os achados da pesquisa, nos deparamos com uma quantidade razoável de sujeitos da investigação que apresentam como escolaridade o ‘ensino médio’. Dos sujeitos da pesquisa, 56,4% apresentam escolaridade de ensino médio. Apesar de parecer que tal condição caracteriza pouco avanço na escolarização, não podemos esquecer que são filhos do campo, moradoras da zona rural e cujo acesso a escola de ensino médio depende de um deslocamento e, em certa medida, de

Importante destacar duas situações de ‘forma’ relacionadas aos achados empíricos sobre escolaridade: a) dos 485 investigados, aferiu-se informações concretas sobre a escolaridade de 413 egressos, e b) sendo uma pesquisa realizada com egressos de uma escola de ensino fundamental completo, o nível de escolaridade mínima presumível é ‘ensino fundamental’.

Assim, a escolaridade dos egressos apresentou-se da seguinte forma:

desacomodação ante as condições materiais do cotidiano. Assim, saber que apenas 36 egressos (08,7% do total dos sujeitos) permaneceram apenas com o ensino fundamental é uma grande conquista.

Ao mesmo tempo em que há a afirmação do ensino médio como predominância de escolaridade, há também algumas singularidades perceptíveis nos dados que merecem referência. A primeira diz respeito aos egressos situados na seção – ensino médio incompleto. A ampla

maioria dos sujeitos contidos nesse item, ou seja, não término do ensino médio, situa-se no período entre os anos de 2008 a 2014, praticamente inexistente em anos anteriores. Outra situação marcante é o fato dos sujeitos contidos na seção – ensino fundamental, serem predominantemente agricultores. Os sujeitos que apresentam ensino médio técnico destacam-se pela primazia ao curso de agroecologia, seguido pelo técnico em enfermagem.

Quanto aos estudantes de graduação, que estão em processo de formação universitária, destacam-se com maior frequência os cursos de agronomia, direito e pedagogia. No entanto, há egressos da escola cursando letras, engenharia mecânica, engenharia civil, engenharia de energia, engenharia de alimentos, psicologia, recursos humanos, arquitetura e urbanismo, gestão pública, enfermagem, medicina veterinária, fisioterapia, farmácia, educação física, ciências contábeis, jornalismo e história.

Os egressos que possuem ensino superior detêm maior prevalência sobre os cursos de administração, direito, enfermagem, educação física e pedagogia. Além dessas preferências profissionais, há egressos graduados em psicologia, letras, biologia, matemática, jornalismo, geografia, ciências contábeis, medicina, medicina veterinária, engenharia civil,

serviço social, gestão hospitalar, design de moda e agronomia. Importante salientar que, mesmo possuindo ensino superior em determinada área, não significa que os mesmos atuem na sua área profissional. Dos 46 egressos com ensino superior identificados na investigação, 16 possuem outra profissão não identificada com sua formação acadêmica (podendo citar como exemplo quatro agricultores).

Especificamente quanto à configuração da escolaridade dos egressos agricultores (as), pode ser assim descrita: ensino fundamental (25), ensino médio incompleto (14), ensino médio (80), estudantes de graduação (9), ensino superior incompleto (2), ensino superior (4).

Como mencionado anteriormente, a escolaridade – ensino médio, é amplamente perceptível nos egressos agricultores, dando o tom de sua caracterização. Os egressos agricultores situados na escolaridade – ensino médio incompleto, fazem parte de um fenômeno recente, a partir de 2008/2009. Os agricultores, estudantes de graduação, têm no curso de agronomia sua maior preferência, no entanto, há agricultores (as) cursando medicina veterinária, letras, engenharia de alimentos, psicologia e história. Por sua vez, os agricultores (as) que possuem ensino superior dizem

respeito aos cursos de administração (2), ciências contábeis e educação física.

Há um fenômeno recente, presente na investigação que merece destaque – a presença crescente de egressos com curso superior residindo no Campo, em área de assentamento. Na antiga Fazenda Annoni, assinalou-se a presença de 9 egressos com ensino superior contidos nesse contexto: 4 agricultores (administração (2), ciências sociais, educação física), 2 professores (educação física e pedagogia), 2 comerciários (administração e educação física) e 1 engenheiro civil. Bem como também a presença de 15 estudantes de graduação residentes nos assentamentos. Entretanto, não perfazendo o interesse da pesquisa, mas de cunho meramente informativo, se fôssemos ampliar esse contexto para os não egressos da escola, residentes no Campo, esse número se ampliaria consideravelmente. Para além dos citados acima, encontram-se residindo, com ensino superior, nos Assentamentos da antiga Fazenda Annoni, 2 médicos e 4 professores (dois professores de matemática, um professor de história, e um pedagogo).

É um tanto complexo definir quem está engajado ou apresenta caráter de pertencimento a movimentos sociais (aqui no caso, em especial, MST e MPA), daquele indivíduo que não está. No

entanto, para essa definição, seguiu-se o percurso de atuação presente, de sua participação unicamente prática, em ações presenciais. Assim, identificou-se, mediante critério de militância prática, uma oscilação entre 25 a 30 egressos são atuantes em movimentos sociais vinculados a terra, perfazendo agricultores, técnicos em agroecologia/agropecuária e estudantes de graduação. Destaca-se que entre os agricultores contidos nesse item muitos destes encontram-se em processo de formação universitária/técnica ou já possuindo curso superior. E tendo seu modo de produção agrícola cooperativo/coletivo.

Considerações finais

A investigação proporcionou-nos um conjunto de informações e dados sobre o contexto de vida de sujeitos egressos da Escola Estadual 29 de Outubro – Pontão/RS. Entretanto, tais informações precisam ser discutidas, contextualizadas, compreendidas. Requerendo posteriormente, um aprofundamento teórico que nos possibilite compreender esse espaço de tempo dos sujeitos egressos, da Escola 29 de Outubro e da própria Educação do Campo (quanto a avanços e limitações).

A Escola Estadual 29 de Outubro, dentro de seus projetos político-

pedagógicos, construídos no decorrer do tempo, sempre defendeu a autonomia e emancipação de seus educandos. E uma de suas premissas principais (para o educando), sempre foi o elo entre o estudar/construir conhecimentos/qualificar-se profissionalmente, agregar renda à propriedade e manter-se no campo. Somado à preocupação com a sucessão familiar nas propriedades (um ideário constante).

Os dados/informações nos apontam para algumas perspectivas animadoras. E logicamente, não são apenas contribuições da Escola, mas de todo o contexto sociocultural construído ao redor dos egressos e de suas famílias, sejam elas pela comunidade local, pela cultura familiar que somadas, nos possibilitam um novo olhar para o Campo.

Com raras exceções, a sucessão familiar nas propriedades rurais está ocorrendo. Os jovens agricultores, na sua ampla maioria com ensino médio, estão apesar de todas as dificuldades impostas pelo modelo agrícola fortemente difundido (agronegócio), estão, aos poucos, realizando a defesa da agricultura familiar, mediante suas ações cotidianas de produção agropecuária, perceptíveis pela diversificação de culturas. O vínculo com a terra ainda figura como orgânico e identitário para uma grande parte dos

egressos da escola. Com isso, a segunda geração de agricultores parece estar ‘garantida’ em sua permanência no campo. O desafio é justamente a terceira geração...

Os egressos mais jovens apresentam uma crescente escolarização em várias áreas do conhecimento. Entretanto, cursos vinculados a atividades do Campo como agronomia e medicina veterinária, além de cursos técnicos em agroecologia/agropecuária, despontam em intensidade. O pertencimento a movimentos sociais está fortemente ligado ao modo de produção agrícola e de convívio (espaço coletivo) dos egressos. O ambiente cooperativo e a escolaridade – ensino superior ou em processo de formação universitária/técnica, são fatores que elevam a participação dos egressos com as lutas sociais. Ou seja, estudar nesse caso é sinônimo de lutar.

De fenômeno recente, a permanência no Campo de egressos com ensino superior, por menor que seja a amostra, possibilita um novo olhar para o Campo, como espaço de trabalho, de renda, de (re) conhecimento e de qualidade de vida. Assim, temos algumas pistas para responder ao desafio inicial sobre onde estão os filhos da Educação do Campo.

Por fim, o êxito profissional e formativo dos filhos da Educação do Campo também representa o êxito do

projeto ou, no mínimo, a pertinência de sua existência como contraponto e alternativa ao modelo de escolarização dominante.

Referências

Alves, G. L. (2009). *Educação no campo: recortes no tempo e no espaço*. Coleção educação contemporânea. Campinas, SP: Autores Associados.

Bonamigo, C. (2007). *Pedagogias que brotam da terra: um estudo sobre práticas educativas do campo* (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Brasil. (2002). *Resolução CNE/CEB n. 1, de 3 de abril de 2002: institui diretrizes operacionais para a educação básica nas escolas do campo*. Recuperado de: http://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/documentos/.../resolucao_ceb_1-2002.pdf

Brasil. (2010). *Decreto 7.352/2010. Dispõe sobre a política de Educação do Campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária*. Recuperado de: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2010/decreto/d7352.htm

Bomfim, L. A. (2009) Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. *Physis. Revista de Saúde Coletiva*, 19(3), 777-796.

Caldart, R. S. (2002). Por uma Educação do Campo: traços de uma identidade em construção. *Educação do Campo: identidade e políticas públicas*. Brasília: DF.

Caldart, R. S. (2003). A Escola do Campo em Movimento. *Currículo sem Fronteiras*, 3(1), 60-81.

Caldart, R. S. (2004). *Pedagogia do Movimento Sem Terra*. São Paulo, SP: Expressão Popular.

Caldart, R. S. (2012). Educação do Campo. In Caldart, R., Pereira, I., Alentejano, P., & Frigotto, G. (Orgs.). *Dicionário da Educação do Campo* (pp. 259-267). São Paulo, Rio de Janeiro – Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio: Expressão Popular.

Molina, M. C., & Freitas, H. C. A. (2011). Avanços e desafios na construção da Educação do Campo. *Em Aberto*, 24(85), 17-31.

Molina, M. C., & Sá, L. (2012). Escola do Campo. In Caldart, R., Pereira, I., Alentejano, P., & Frigotto, G. (Orgs.). *Dicionário da Educação do Campo* (pp. 326 - 333). São Paulo, Rio de Janeiro – Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio: Expressão Popular.

Rio Grande do Sul (2017). Secretaria de Educação. Departamento de Planejamento. *Censo Escolar da Educação Básica – 2017*. Recuperado de: <http://servicos.educacao.rs.gov.br/pse/srv/e-statisticas.jsp?ACAO=acao1>

Rio Grande do Sul (2016). Secretaria de Educação. Departamento Pedagógico / SEDUC. *Reestruturação curricular Ensino Fundamental e Ensino Médio - RS 2016*. Recuperado de: <http://www.educacao.rs.gov.br/upload/arquivos/201702/09164831-reestruturacao-curricular-ensino-fundamental-e-medio-2016-documento-orientador.pdf>

Informações do artigo / Article Information

Recebido em : 15/10/2018
Aprovado em: 06/03/2019
Publicado em: 29/10/2019

Received on October 15th, 2018
Accepted on March 06th, 2019

Published on October, 29th, 2019

Contribuições no artigo: Os autores foram responsáveis por todas as etapas e resultados da pesquisa, a saber: elaboração, análise e interpretação dos dados; escrita e revisão do conteúdo do manuscrito e; aprovação da versão final publicada.

Author Contributions: The authors were responsible for the designing, delineating, analyzing and interpreting the data, production of the manuscript, critical revision of the content and approval of the final version published.

Conflitos de interesse: Os autores declararam não haver nenhum conflito de interesse referente a este artigo.

Conflict of Interest: None reported.

Orcid

Rosimar Serena Siqueira Esquinsani

 <http://orcid.org/0000-0002-6918-2899>

Munir José Lauer

 <http://orcid.org/0000-0003-2561-786X>

Carmem Lúcia Albrecht da Silveira

 <http://orcid.org/0000-0002-9411-8709>

Como citar este artigo / How to cite this article

APA

Esquinsani, R. S. S., Lauer, M. J., & Silveira, C. L. A. (2019). Egressos de uma escola de assentamento: onde estão os filhos da Educação do Campo?. *Rev. Bras. Educ. Camp.*, 4, e6042. DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.rbec.e6042>

ABNT

ESQUINSANI, R. S. S.; LAUER, M. J.; SILVEIRA, C. L. A. Egressos de uma escola de assentamento: onde estão os filhos da Educação do Campo?. **Rev. Bras. Educ. Camp.**, Tocantinópolis, v. 4, e6042, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.rbec.e6042>